



Entrevista



Os 66 anos e a simpatia de António Pinho escondem uma das carreiras mais irrequietas da música portuguesa, da fundação da Filarmonia Fraude e da Banda do Casaco ao Avô Cantigas e Rui Veloso. Até trabalhou na televisão, em programas como "Tal Canal" e "Top Mais". O Entroncamento foi o berço inverosímil para um músico e letrista, que por vezes esquece que foi guionista de comédias e o escritor de aventuras.



António Avelar de Pinho. “Convenci o Rui Veloso e o Carlos Tê a gravar o ‘Chico Fininho’”

A Filarmónica Fraude celebra 45 anos, e a Banda do Casaco 40. No processo falamos com o homem que deixou a marca na música portuguesa e na televisão

LUIS DE FREITAS BRANCO (Texto)

PATRICIA DE MELO MOREIRA (Fotos)

O nome António Avelar de Pinho pode não lhe parecer familiar. Mas quer esteja na idade da reforma quer no infantário, já se cruzou mais de uma vez com os trocadilhos mordazes do letrista transformado em músico, produtor, escritor e guionista. Os mais velhos podem recordar a irreverência vanguardista da Filarmónica Fraude, ou mesmo o surrealismo da Banda do Casaco, com álbuns tão absurdos como “Hoje Há Conquilhas, Amanhã não Sabemos”. Na geração seguinte serve de carvão para o lume do crescimento do rock português, de Rui Veloso a Heróis do Mar. Como o eterno irrequieto, farta-se do seu passado e cria programas de televisão como o “Top Mais”, “O Tal Canal”, o Avô Cantigas, a série de livros juvenis “Super 4”. Um currículo mais extenso era difícil.

Qual foi a sua primeira experiência musical?

Em meados dos anos 60 havia a moda dos grupos chamados “yeah yeah” e a minha primeira banda foi na terra onde nasci, o Entroncamento. A banda chamava-se G-Men, imagine-se. Mas teve uma história muito efémera, fomos a uma eliminatória do Festival Yeah Yeah no Coliseu e ficamos em segundo.

O Entroncamento é uma zona muito

peculiar, suponho que não fosse a região mais musical de Portugal.

Peculiar é uma palavra simpática. Na altura como vila era uma terra muito incharacterística, sem grande história, tirando o movimento ferroviário e os quartéis. Na verdade, não vivi muito tempo no Entroncamento, fiz a escola primária e depois fui reencaminhado para o Colégio Militar em Lisboa. Os meus pais, com boa vontade, acharam que ali fechado podia ter boa qualidade de vida e ensino, mas ganhei desde o primeiro momento um grande ódio à tropa e ao Colégio Militar.

Quem eram os seus pais?

O meu pai chamava-se Amílcar Pinho, era um industrial da panificação, trabalhou muito e morreu aos 47 anos de idade. Infelizmente nunca fui muito próximo dele, na altura existia uma distância muito grande que hoje deixou de fazer sentido. A minha mãe era a típica doméstica, que fazia a sua vida em casa.

As revoluções musicais e artísticas que aconteciam em Inglaterra e nos EUA chegavam a Portugal?

Em Lisboa eu já comprava o Melody Maker e o New Musical Express, mas o grande salto surge com o programa “Em Orbita” e o surgimento da frequência FM. Na altura o José João Parracho, dos G-Men, leva-me a Tomar para que os amigos dele conhecessem alguém que estava actualizado. Foi em Tomar que começámos a desenvolver as músicas e a banda que seria a Filarmónica Fraude. Lisboa era um universo inatingível para quem vivia na província, em termos de informação era uma distância gigante.

Em 1968 a música ligeira ainda estava em voga, não existia nada no mesmo formato que a Filarmónica Fraude.

Os grupos cantavam os hits internacionais em inglês e davam concertos em bailes. Apenas conseguiam ouvir as músi-

cas, tirar dos discos e reproduzi-las. O Quarteto 1011 era a excepção à regra. A particularidade da Filarmónica Fraude foi criar uma música que se alicerçava no tradicional português.

Como surgiu essa fusão do contemporâneo com o tradicional?

Na altura estava – não sei bem porquê – a tirar Engenharia no Técnico e baldava-me todos os dias às aulas e ia ao cinema no Império. Numa dessas sessões vi um documentário antes de começar o filme, sobre uma edição de quatro LP das recolhas de Giacometti e Fernando Lopes Graça da música tradicional portuguesa. Fiquei completamente extasiado, liguei ao Luís Linhares, que estava em Tomar, e disse-lhe que viesse urgentemente a Lisboa para ver o documentário. O Luís já tinha um estudo musical académico e os dois decidimos pegar no tradicional português. Eu, mal e porcasmente, comecei a desenhar as minhas primeiras letras.

Em bandas como Diabo na Cruz essa fusão tornou-se quase regular, mas na altura devia ser altamente alienígena.

Como eram encarados?

Não éramos sequer considerados, até chegávamos a ser desconsiderados, o que nos agradava muito. O desagrado era a prova de que estávamos mesmo descarrilados e inquietos. Lançámos o primeiro EP “Flor de Laranjeira”, com a música do documentário na introdução e a Philips espalhou grandes outdoors por Lisboa. Mesmo sem sucesso, conseguimos criar algo de novo.

Até que ponto num álbum como “Epopéia” está subentendida uma sátira ou crítica social?

A Filarmónica Fraude sempre teve uma crítica muito forte, as proibições na rádio eram regulares. Na capa do “Epopéia” a ilustradora Lídia Martinez assinou “Lídia 69”, o ano do disco, e a censura apagou a assi-



natura. A Lídia tinha apenas 17 anos e não percebeu porque a censuraram. Foram tempos loucos, quando iam assinar um contrato para a Valentim de Carvalho a Philips ligou-nos e ofereceu outro contrato, fomos quase raptados.

Apesar de tudo duraram apenas um ano?

O que assinalou o fim foi a grande desgraça da altura, a Guerra do

Ultramar. Eu estive na Guiné-Bissau, o Linhares em Moçambique, o Parracho fugiu e o Júlio Patrocínio safou-se. Quando estávamos a chegar ao auge, acabou tudo. Quando regressámos já éramos homens casados.

A Banda do Casaco pode ser vista como uma seqüela da Filarmónica Fraude?

De certa forma sim. O Nuno Rodrigues, que eu não conhecia na altura, gostava da Filarmónica Fraude e ligou-me a dizer que tinha um projecto diferente para eu participar. Eu e o Nuno juntámo-nos e escrevemos o primeiro álbum da Banda do Casaco, "Dos Benefícios de Um Vendido no Reino dos Bonifácios". A crítica não recebeu bem o disco, não percebeu o que estávamos a fazer. Como não dizíamos "abaixo aquilo" e usávamos outra linguagem ficavam todos perplexos. Tenho muito orgulho na nossa maluqueira.

Não se pode dizer que era um grupo, mas mais um conjunto de colaborações.

Havia um improviso de disco para disco, enquanto o Nuno fazia a música, eu dedicava-me às letras. Depois escolhíamos os músicos que queríamos. Após o primeiro álbum conceptual, fizemos o "Coisas do Arco da Velha", para começar a vender. Nunca existiu uma continuidade, cada disco tem uma sonoridade própria.

O pós-25 de Abril parece ter trazido uma obrigação de ouvir música de protesto. Onde se encaixava a Banda do Casaco?

Mais uma vez não se encaixava. Estávamos também a protestar, mas sempre no espírito descarrilado. No primeiro press release que escrevi dizia: "Gostamos de achar bem quando se trate de achar bem. Gostamos de achar mal quan-

do se trate de achar mal. Infelizmente, achamos mais mal que bem." Na minha opinião isto diz muito. A Banda do Casaco foi muito mais de esquerda que os cantores que traziam bandeiras.

O surrealismo, absurdo e o nacional são temas comuns. É a sua visão perturbada do nosso país e da humanidade?

Na música "Natação Obrigatória" escrevo: "Viemos do Fundo a Pique, passamos no Tudo a Saque, não há mal que nos fique, nem há cu que não dê traque." Isto foi escrito numa época em que toda a gente opinava sobre tudo e sobre nada, um pouco como agora na televisão. O surrealismo existe nos cancioneiros portugueses. Enquanto estava na Filarmónica Fraude comprei os cancioneiros todos e as letras são geniais. A minha avó materna dizia de forma atabalhoada que "Em Lisboa se formou palácio de grande altura, casa grande tem fartura e o milho é para os pardais". Existe um significado encoberto que passou de boca em boca pelo povo. Não inventei um estilo, mas reciclei o que já existia, um pouco como agora fazem os Fleet Foxes, que pegam no tradicional irlandês e em Fairport Convention.

Nos anos 80 o António surge como um produtor de músicos emergentes, a trabalhar com músicos como Rui Veloso, Heróis do Mar e Táxi. Como foi a experiência?

Os anos de 1979 e 80 foram completamente loucos, produzi o "Ar de Rock" de Rui Veloso, os três primeiros álbuns dos Heróis do Mar e os dois primeiros dos

continua na página seguinte >>

"A diferença da Filarmónica Fraude foi criar uma música que se alicerçava no tradicional português"

"Não éramos considerados, até chegávamos a ser desconsiderados, o que nos agradava muito"

"A Banda do Casaco foi muito mais de esquerda que os cantores que traziam bandeiras"

Táxi. Foi o verdadeiro renascimento do rock português, cada um desses trabalhos foi completamente diferente dos outros. Eram todos muito teimosos, o que mostra convicção. A minha produção passou mais por gerir personalida-



des em choque, sobretudo nos Heróis do Mar. Contar a minha história é contar a mesma de várias vidas.

É nesta altura que começa a carreira de letrista para outros, que ainda hoje se mantém?

Comecei com o Nuno Rodrigues a escrevermos muita coisa para as Doce, um projecto que já existia. Foi uma excelente oportunidade de escrever mais pop. Para mim não subalternizo o que escrevi para as Doce, na minha cabeça sei o que é mais duradouro, mas o prazer foi o mesmo que escrever para a Banda do Casaco. O "Bem Bom" e o "Ali Bábá" são músicas eternas.

Mesmo com a existência do Carlos Tê, também escreve para o Rui Veloso.

Apenas escrevi quando o Carlos Tê já estava esgotado. Fui o primeiro a ouvir as maquetes do Rui cantadas em inglês, o Tê escrevia tudo em inglês. A canção "No Domingo Fui às Antas" chamava-se "I'm a Soccer Rocker". O "Chico Fininho" foi uma canção completamente composta pelo Tê e eles não a queriam gravar, porque tinha sido improvisada na brincadeira num jantar de copos. Eu acabei por convencê-los a gravar o "Chico Fininho". **Não pode ser um prazer agrídoce viver num registo mais de anonimato?**

Nada agrídoce, adoro. Estão-me sempre a chegar contactos para fazer colaborações. Não posso deixar de escrever, tenho desafios para começar uns romances, mas a música sobrepõe-se sempre.

Antes de a Banda do Casaco acabar, acaba por se afastar do projecto?

Os grupos tinham vida muito reduzida, ao fim cinco álbuns acabei por sair da Banda do Casaco. Como me tinha afastado da Valentim de Carvalho e o Nuno ainda estava muito ligado aos estúdios, achei melhor sair da banda. Na minha opinião o projecto já estava cansado, tirando um grande concerto na Aula Magna, não era um grupo predestinado a fazer coisas ao vivo. As canções e a instrumentação eram muito complexas, sempre foi muito difícil tocar ao vivo.

Como surge o Avô Cantigas no meio disto tudo?

Surge da mesma forma que o resto, do prazer de fazer coisas diferentes. O Carlos Vidal era um artista da Polygram, onde trabalhei depois de sair da Valentim. Ele tinha feitos dois ou três singles e passado pelo Festival da Canção. O Carlos nunca tinha gravado música infantil, embora a fizesse a brincar. Numa fes-

ta de Natal da Polygram ele cantou para os filhos dos empregados e eu disse-lhe que ele tinha muito jeito com os miúdos e devia seguir isso. O Carlos aceitou o desafio e começámos a pensar numa personagem, até que um colega da Polygram se lembrou que devia ser um avô. E assim começámos o Avô Cantigas.

A grande surpresa deve ter sido o "Fantasminha Brincalhão"?

Foi uma loucura inacreditável e completamente inesperada. O Carlos celebrava 25 anos de carreira em 2007 e do nada temos um sucesso gigantesco.

Do infantil para o juvenil, os livros de aventuras dos "Super 4" parecem ter sobrevivido aos tempos. O que significaram estes livros editados?

Antes de mais um grande orgulho. Infelizmente já houve mais nas bancas, o meu parceiro de escrita Pedro de Freitas Branco acabou por ir para o Brasil. Nos nossos últimos livros começámos a subir a exigência do leitor e deixámos de escrever com a regularidade dos primeiros anos. Este formato exige uma grande regularidade. O Pedro deu-me autorização para continuar o projecto, mas só consegui fazer mais um livro. O tempo é uma coisa muito limitada.

Um livro dos "Super 4" ocupa mais tempo que a música?

Para escrever tens de largar tudo. Quando estava a escrever um dos últimos livros em casa do Pedro voltei para Lisboa e morri nessa noite [teve uma paragem cardíaca em 2002]. Comecei a sentir-me mal e tive de interromper a escrita. Acabei num cardiologista todo dormente. Quando acordei já tinha morrido e não dei por nada. Era demasiado trabalho, nunca mais passo por isso.

O trabalho na televisão era mais cansativo?

Uma verdadeira loucura. Criei o "Top Mais" e dezenas de programas de comédia.

Quando é que conhece o Herman José?

Conheci o Herman na Polygram, o primeiro álbum foi um êxito estrondoso, escrevi-lhe coisas como o "Super-Homem Português" e o "Comboio da Reboleira". Na mesma época começámos nesta casa a escrever "O Tal Canal". Mais tarde começou o desvario, a escrever todos os dias para o Camilo de Oliveira, a Marina Mota, o João Baião, os Trapalhões, etc. Com tanto trabalho tinha de dar mau resultado. Já tinha uma insuficiência controlada, acabei por morrer, felizmente não

foi a última vez.

A televisão é um meio muito competitivo, não deve ter sido fácil sobreviver tanto tempo...

No fundo não sobrevivi porque acabei por me retirar. O problema com a televisão eram os prazos, hoje já se formaram muitas pessoas novas e existe uma estrutura coesa. Naquela altura queria-se simplesmente uma coisa: fazer e fazer. A produção televisiva começou a desgostar-

me, hoje produz-se com mais qualidade e cuidado técnico. A minha sina é começar a trabalhar quando ainda não se conhecem os caminhos. Os directores de programação seguem-se uns aos outros, o que estava a dar era a comédia e assim tinha de ser. Nunca fiz nada que não me desse prazer, quando alguma coisa ficava penosa parava. Sempre corri grandes riscos, hoje vivo finalmente tranquilo.

Quais são os seus próximos projectos?

O livro "E Tudo Acabou em 69", sobre a Filarmónica Fraude, a sair no dia 26 de Fevereiro. Apesar de sermos uns maluquinhos que já nem conseguem tocar, gravámos quatro faixas num EP para acompanhar o lançamento. No livro descobri que o instrumento mais difícil de afinar é a memória. E aos poucos estamos a tentar lançar tudo da Banda do Casaco.

E na produção musical?

Tenho dois discos em produção, apesar de a produção agora em Portugal ser uma aventura perigosa. A Né Ladeiras ligou-me passados 12 anos a pedir que produzisse e escrevesse as letras de um novo disco. A Né tem harmonizações vocais únicas, é a melhor voz de Portugal. Uma das canções é um dueto com o Sam The Kid e chama-se "Tenho Língua e Falo". Para espanto meu, estou a produzir fado, uma coisa com que sempre tive uma relação difícil. Ando há 15 anos com umas demos de uma espécie de fados. Quando as mostrava a fadistas encontrava muita resistência, tornou-se muito difícil sair do chamado "purismo". Felizmente uma cantora, de que por enquanto não quero adiantar o nome, contactou-me e aceitou umas músicas. **Da Filarmónica Fraude ao Herman, o nome António Pinho tornou-se uma constante na cultura popular. Como se vê ao longo destes anos?**

Não sei se sou uma constante, mas se sim é sinal que fiz alguma coisa de jeito. Mesmo que seja tudo mau, é tudo mau mas ficou. Orgulho-me de tudo o que fiz.



“Não subalternizo o que escrevi para as Doce. O “Bem Bom” e o “Ali Babá” são músicas eternas”

“Eram todos teimosos. A minha produção era mais gerir personalidades em choque, sobretudo nos Heróis do Mar”

O rádio de António Pinho foi encontrado no lixo, mas a vontade de reciclar não se ficou pela música tradicional portuguesa, que reinventa na década de 60. “Não inventei um estilo, mas reciclei o que já existia, um pouco como agora fazem os Fleet Foxes”. A 26 de Fevereiro sai o livro sobre a Filarmónica Fraude, com um EP de quatro faixas

